

O corpo e a compreensão do juízo ético

Ademar Heemann

Universidade Federal do Paraná, Av. N.S. da Luz, 210, 82 510 020, Curitiba-Paraná, Brazil. e-mail: heemann@bbs2.sul.com.br

RESUMO. Este artigo teoriza sobre as relações entre a base biológica e as interações sociais no desenvolvimento do senso moral, sugerindo que no estudo do juízo ético devam ser incluídos os processos neuronais e as demais partes do corpo que produzem e arcam com as conseqüências do fenômeno. A partir desse ponto de vista simultaneamente natural e social, argumenta-se que o valor heurístico dessa reflexão reside, em especial, na sugestão de instrumentos conceituais e lingüísticos para a superação do fosso que separa as “ciências” e as “humanidades”, quando procuram tratar esse problema no âmbito metacientífico das ciências da vida.

Palavras-chave: emoção, corpo, juízo ético

ABSTRACT. Human body and the understanding of ethical judgement. This article speculates about the relationship between biological factors and social interactions in the development of moral sense, suggesting that the study of ethical judgement should include the neurological processes and the other parts of the body that produce this phenomenon and bear the consequences. Starting with this simultaneously social and natural viewpoint, it is agreed that the heuristic value of this reflection resides specially in the suggestion of conceptual and linguistic instruments to bridge the gap that separates sciences and humanities, when dealing with this problem in the metascientific milieu of life sciences.

Key words: emotion, body, ethical judgement.

Devemos lembrar-nos de que todas as nossas idéias provisórias sobre psicologia serão um dia explicadas com fundamento em substratos orgânicos. (Sigmund Freud)¹

Um novo acesso à consciência moral

A consciência confere ao ser valorizante o conhecimento de si mesmo, de sua existência e de sua própria atividade mental. Em sentido moral, a consciência valora, julga e pode se autopunir através da chamada “dor de consciência”. Quando ela é considerada aversiva e inconveniente, o homem busca o que estiver ao seu alcance para afastar o sofrimento. Submete-se a prolongadas terapias, participa de cerimônias místicas e apaziguadoras e lança mão do arsenal farmacológico. Tudo isso para esquecer, amainar a ansiedade e encontrar a paz. Há sofrimentos julgados imerecidos que, no entanto, face a uma determinada personalidade, dificilmente

serão extintos. Embora saiba de um jeito, sente de outro. É assim com o animal racional.

Sob um olhar naturalístico, essa manifestação da mente é o produto da organização biológica, evoluída sob o comando da seleção natural. Em conseqüência, o naturalismo científico terá que se referir à mente não como entidade, mas como um processo corpóreo de natureza bioeletroquímica. Isto para não se ver em sérias dificuldades epistemológicas. Assim escorada, a ciência superou teoricamente o dualismo mente e corpo, que amparou as correntes místicas de todos os tempos e ainda hoje influencia o pensamento de um infindável número de sábios.

Já em 1926, Freud vaticinou, esperançoso no futuro, que a íntima conexão entre as coisas distinguidas como físicas e mentais não seriam mais encaradas como pertencentes a mundos opostos, levando-nos da biologia e da química ao campo dos fenômenos mentais.²

¹ Sobre o Narcisismo, de S. Freud, *apud* Ornstein, Robert. *A evolução da consciência*. São Paulo: Editora Best Seller, 1991. p.142.

² Rodrigues, Roberto. *Psicanálise e neurociência: um modelo neurobiológico da personalidade*. Porto Alegre: D.C. Luzzato E., 1985. p.40, 239.

Se a cabeça faz parte do corpo, é lícito esperar que as descobertas e especulações neurobiológicas sobre os mecanismos da consciência ampliem, também, o entendimento da fenomenologia do comportamento moral em sua dimensão biopsicológica. Já antes do nascimento, sabemos, sinais vindos do mundo exterior invadem o nosso corpo, nele trafegam e deixam verdadeiras marcas físicas, os correlatos das manifestações psíquicas. Nesse sentido, somos “cicatrizados”, em especial nas primeiras fases de nossas vidas, quando o sistema nervoso está em consolidação.

Estímulos, ou perturbações, essas “mensagens” providas do meio circundante são recolhidas pelos receptores sensoriais (auditivos, visuais, olfativos, gustativos) e encaminhadas ao sistema nervoso central (medula e encéfalo). Para possibilitar esse tráfego nos circuitos neurais, o estímulo se transforma em sinal bioelétrico e assim percorre as células nervosas, os neurônios. No espaço entre os neurônios, ocorre a *sinapse*, esquematizada a seguir.

A neurotransmissão

Figura 1. O sinal bioelétrico (impulso nervoso) atinge o terminal do neurônio e provoca a liberação do neurotransmissor. Este mensageiro químico percorre o espaço sináptico e ancora em sítios específicos do neurônio receptor, onde reconstitui o impulso nervoso, e assim sucessivamente ao longo do sistema nervoso.

Como vimos, o estímulo inicial (interno ou externo) gera um processo de alternância, isto é, o sinal bioelétrico (impulso nervoso na célula nervosa) se converte em mensageiro químico (no espaço entre as células nervosas) que, por sua vez, provoca novo sinal elétrico na célula seguinte, conduzindo a “mensagem” por longas distâncias. Associado a esse processo de natureza bioeletroquímica, emerge o significado. O sinal não contém o significado. Ele é suprido no cérebro, dependendo das estruturas daquele que foi estimulado. Tais estruturas são de ordem filogenética e ontogenética. Por isso, se a filogênese não forneceu ao primata estruturas

neurais para uma consciência valorativa no âmbito da moralidade, também a história ontogenética da menina-lobo não lhe permitiu o desenvolvimento da linguagem, em que pese a existência de estruturas filogenéticas e potenciais inatas para tanto.

De sua parte, a pesquisa da natureza “natural” permitiu a identificação de correlatos biológicos dos estados emocionais, da memória e do aprendizado. Inaugura-se, portanto, um novo entendimento sobre o processo de formação da personalidade, sediado nas modelagens das conexões sinápticas e rugosidades provenientes das reações moleculares nas membranas neurais. De fato, estudos “mostram que a experiência muda morfologicamente o cérebro, por exemplo, tornando-o mais pesado e com mais sinapses entre os neurônios”.³

O psiquismo sediado no processo neurobiológico significa, portanto, que as matrizes básicas da mente são armazenadas por reações bioquímicas nos terminais sinápticos, mediante um mecanismo de natureza material e cicatrizador do cérebro. São radicais as conseqüências desse enfoque para a compreensão do comportamento humano.

Como são decodificadas essas reações neuroquímicas e como podem elas representar as diferentes emoções, lembranças, pensamentos e condutas? É verdade que a ciência engatinha nessa tarefa. É improvável que o cérebro possa decifrar toda a complexidade de seu próprio funcionamento. Tal lacuna, porém, não ofusca o alcance das evidências sobre “mecanismos neurobiológicos de ordem anatômica, fisiológica, celular e molecular” a indicar que a cabeça faz parte do corpo, isto é, que a mente não é uma “organização distinta do cérebro”.⁴

Sugiro que o horizonte psicofisiológico do comportamento também possa abrigar algumas conjecturas para os estudos sobre a *biologia da moral*. Em reflexões anteriores⁵, fiz alusões sobre a gênese da capacidade moral vinculada ao processo evolucionário. Trata-se, agora, de incluir a *dimensão cerebral* a essa abordagem. Recorro, em parte, à teoria do *cérebro triúno* de MacLean. Essa curiosa invenção permite, no dizer de Morin,⁶ compreender o paradoxo *sapiens-demens*, isto é, situar a conduta que integra a lógica, o afeto, os instintos vitais e os desregramentos. Evidentemente, isso causa estranheza. Vai de encontro àquela crença civilizada

³ Citado por F. G. Graef no debate: Em busca da alma: causa e cura das doenças mentais. Ver Vol.16/N. 94 p. 65 *Ciência Hoje*. Ver tb. Rodrigues p.223.

⁴ Rodrigues, p.239.

⁵ Ver Heemann, Ademar. *Natureza e ética*. -2ª ed. Curitiba: Ed. Da UFPR, 1998.

⁶ Morin, E. *O enigma do homem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. apud Sanvito, Wilson Luiz. *O cérebro e suas vertentes*. São Paulo: Roca, 1991. p.20.

da mente, que enfatiza o distintivo de uma natureza racional e não instintiva para o homem.

O cérebro triuno

Maclean⁷ propõe um cérebro dividido em três partes. Pela herança evolucionária, o homem seria o depositário final dessa complexa estrutura hierárquica que integraria diferentes cérebros: *reptiliano*, *mamífero* e *humano*. Cada um deles tem a sua própria atribuição. Diferem na química e na estrutura, mas estão interconectados e dependem funcionalmente uns dos outros.

Os três cérebros

Figura 2. O cérebro triúno

Experiências de laboratório também demonstram a possibilidade de um funcionamento independente das áreas encefálicas identificadas com os três cérebros. Inúmeros relatos sobre a conduta de pessoas que sofreram traumatismos cranianos corroboram tais experimentos. Tudo isso vem reforçar a conjectura de MacLean. Essa idéia da sobreposição de camadas cerebrais abre, portanto, espaço para infinitas especulações sobre a condição humana. Refiro-me ao potencial filogenético que integra a capacidade cognitiva e racional àquelas dimensões instintivas do homem e que também se encontram nos demais mamíferos e nos répteis, a exemplo das víboras e lagartos.

O cérebro reptiliano. A dimensão mais primitiva do cérebro triúno é a *reptiliana*. Esse centro nervoso permite que estímulos específicos engatilhem aquelas respostas estereotipadas e exibidas em comportamentos relacionados com a construção do ninho, a caça, a defesa das crias e a escolha do território. Responsável pelos mecanismos de autopreservação, esse cérebro comanda as funções rotineiras de manutenção e aquelas necessárias à

sobrevivência, como a fuga diante de um predador ou o ataque a uma presa.

Do automatismo e da invariabilidade reptílica é que se extraiu a idéia de uma base ancestral para alguns comportamentos compulsivos e estereotipados também observados no homem. São exemplos: a vocação incessante para a guerra, o exibicionismo, a imitação e as atitudes irracionais, como o apego supersticioso a precedentes.

Uma dimensão cérebro-reptiliana poderia, dessa forma, ampliar a compreensão do comportamento humano em aspectos atrelados a esses antigos circuitos neurais que modulam a *simulação*, a *camuflagem*, o *despistamento* e a *agressividade*. São comportamentos verificados ao longo da escala animal, mas somente com a intervenção muito recente do *neocórtex* humano se tornaram valoráveis, podendo recair sobre eles qualificações axiológicas como: *atrocidade*, *mentira*, *falsidade*, *traição* e *perfidia*.

Assim, para um número crescente de estudiosos, o *neocórtex* perde aquele monopólio construído pela imaginação civilizada do cérebro que tudo explicava. Sob um novo olhar, podemos recuar nossas analogias e metáforas mais longe ainda na escala evolucionária. Sugiro um salto gigantesco ao mundo dos animais inferiores: aos insetos sociais, em que o comportamento está mais diretamente atrelado aos genes, ao controle hormonal e aos sinais químicos.

As glândulas desses animais segregam substâncias para sinalizações específicas de alarme, de convocação e de recrutamento; deixam rastros odoríferos que sinalizam a trilha que conduz ao alimento ou ao formigueiro; utilizam os sentidos químicos para o reconhecimento e expulsão de intrusos; regurgitam o alimento e, através de lambidas mútuas, trocam nutrientes e informações.

A ordem desse mundo, porém, foi quebrada por um animal de cérebro mais evoluído. Além da química, ele utiliza sinais auditivos e visuais. Com a linguagem, o *animal simbólico* construiu o mundo das idéias. Como as formigas, marimbondos e térmitas, mantém as trilhas de peregrinação, mas, agora, para alimentar a sua mente atormentada. Adora figuras de pau e pedra construídas pelas próprias mãos. Concebeu seres humanos alados e outras criaturas supranaturais que velam por ele nos embates das "guerras santas"; que legitimam seus desatinos; que o amparam nos conflitos de consciência. Com o *animal racional*, a capacidade biológica espontânea que identifica o estranho foi ampliada com os adornos da abstração que fundamentam a xenofobia. Como a formiga que lambe, ele se utiliza da bajulação para obter favores. Como o inseto que regurgita ao trocar

⁷ Ver exposições sobre a proposta de Maclean em: Long, Mary. Ritual e perfídia. *Ciência Ilustrada*, set./out. p.95-100, 1982; Vincent, Jean-Didier. *Biologia das paixões*. Portugal: Publ. Europa-América, Ltda, 1986. p.120-133; Sanvito, p.19-21.

alimento e informação, o *animal falante* vomita as certezas sectárias que direcionam vidas.

Criatura atormentada, parece que o *animal simbólico* jamais será capaz de dispensar os paraísos artificiais por ele mesmo inventados. O vazio existencial não lhe deixaria outra alternativa senão a busca da autotranscendência. Encontra nas drogas e outras invenções o sucedâneo que prolonga a agonia de sua vida monótona e dolorosa. Um mundo ordenado e de esperança sempre foi o principal apetite de sua alma. Nessa trajetória, o homem empreendeu esforços históricos para afastar qualquer conexão de parentesco com o nível hierárquico inferior da escala animal. Sempre lhe pareceu repugnante essa idéia. Mesmo 150 anos após Darwin, grande parte do *mundo esclarecido* ainda considera intragável essa possibilidade.

A guinada conceitual inaugurada por Darwin e, de um modo *sui generis*, retomada por MacLean ainda não esgotou o seu potencial heurístico. Assim, a metáfora do cérebro reptílico e a analogia dos insetos sociais, com algumas pinceladas da conduta mamífera, poderão sugerir outros horizontes na compreensão do humano. Penso, agora, naquela propensão genuína para as ações rotineiras e impensadas do comportamento repetitivo e na ligação umbilical com a idolatria e o ritualismo compulsivo. São norteadores automáticos que se amparam nos mecanismos instintivos de submissão à moda e se manifestam nos rudimentos daquela moralidade que se identifica com a cega e simples obediência ao costume e às regras.

O córtex mamífero: um cérebro sentimental. A evolução dotou o reino animal com um *paleocórtex*, também denominado de *sistema límbico*. Esse sistema equipou o mamífero com um poderoso mecanismo para superar os obstáculos do meio ambiente. Assim, surgem nesse nível hierárquico os rudimentos da cognição e da emotividade, que mais tarde se manifestarão no *cérebro triúno* do homem.

Identificado como o principal substrato neural das emoções, o límbico⁸ desempenha um papel central na geração dos sentimentos familiares, do afeto, da paixão e de outros estados emocionais que se identificam com o *prazer* e com a *dor*.

⁸ Pierre Broca sugeriu o termo *límbico* para "caracterizar os giros corticais filogeneticamente primitivos que formam um anel em torno do tronco cerebral" (Lat. *limbus*, margem). Papez (1937) o identifica como um circuito de comunicação entre os centros corticais superiores e o hipotálamo. Depois, MacLean expande o conceito ao incluir, entre outras, áreas neocorticais e regiões do hipotálamo. Cf. Brandão, Marcus Lira. *As bases psicofisiológicas do comportamento*. São Paulo: EPU, 1991. p.74. Ver tb. Ledoux, Joseph E. Emotion and the limbic system concept. *Concepts in Neuroscience*, 7(2):169-99, 1991.

Assim, é no circuito límbico que a *informação*, a partir das memórias neuronais aversivas e prazerosas, sofrerá o acréscimo do aspecto *afetivo*. Agora, suprido pela *força motivacional*, esse processo dispara uma série de eventos que colocam o organismo em prontidão. Da área cortical serão recrutados todos os esforços para "enfrentar o problema" e detonar a conduta apropriada. Ao mesmo tempo, porém, a emoção também caminhará para baixo: do hipotálamo para a hipófise e daí para as suas conseqüências viscerais e periféricas, que podem se manifestar na motilidade intestinal, nas expressões faciais, no palpitar do coração, na respiração ofegante.

A falta de solução, contudo, pode inundar o sistema límbico com estímulos e respostas a serem analisadas. O encaminhamento e a exigência de solução levam o límbico à hiperatividade. A percepção subjetiva dessa atividade vem marcada por um extremo desconforto, um profundo desprazer. É a ansiedade. Assim, do substrato neurônico emerge o maior tormento da humanidade.

Esses delineamentos a respeito do substrato neural da emoção levam-me, agora, a uma aproximação entre a *fenomenologia do comportamento moral* e aqueles estados emocionais atrelados ao *prazer* e à *dor*. Estou sugerindo semelhanças entre a *psicofisiologia* subjacente ao fenômeno da *interioridade moral* e os estados emocionais relativos, de um modo geral, à *recompensa* e à *punição*. O esquema a seguir ajuda a compreender essa idéia.

Esquema 1. Vivências subjetivas do fenômeno moral e a identidade psicofisiológica com o prazer e a dor

Prazer	Recompensa	Consciência tranqüila Paz, Segurança, Alegria Prazer
Dor	Punição	Dor na consciência, Culpa Remorso, Medo, Indignação Pavor, Horror, Agonia

Essa hipótese abre um horizonte de profundas implicações educacionais. Uma das conseqüências está associada à base filogenética para a capacidade normativo-axiológica. Levando em conta essa conjectura e os elementos do esquema anterior, poderemos enunciar que:

- existe uma organização inata para a punição e a recompensa moral em circuitos cerebrais e mecanismos neurônicos identificados com o prazer e a dor;
- a dimensão emotiva do comportamento moral se desenvolve ao longo do ciclo ontogenético, principalmente durante a maturação, graças aos *reforçadores condicionados* de origem externa e interna que cicatrizam o substrato neural;

- c) os estímulos de condicionamento punitivo levam à diminuição do comportamento indesejável, donde o temor do castigo, o pavor na violação da regra, a fuga ou o imobilismo do amedrontado, a vergonha do reprimido;
- d) o condicionamento recompensador incrementa o comportamento desejável, o que explica a paz do perdão, o prazer da consciência tranqüila, a alegria do dever cumprido, a segurança do obediente.

Já é significativo o conhecimento neuropsicológico sobre os mecanismos da *motivação* comportamental, da *eliminação* e da *retenção* de condutas associados à emoção. Daí está surgindo uma nova compreensão sobre a aprendizagem, a conduta adaptativa e o relacionamento humano. Ora, as *humanidades* já haviam intuído, por exemplo, que as *percepções valorativas* (Wertempfindung) do *certo* e do *errado*, do *bem* e do *mal* ocupam o cerne da estrutura axiológica do homem e determinam os modelos do seu comportamento.⁹ Mas isso não foi levado muito a sério. Talvez a incursão da ciência pela interioridade da conduta moral, vale dizer, por sua dimensão afetiva produza algo mais do que palavras. E a *psicobiologia* poderá contribuir nessa lacuna na medida em que elucide os mecanismos neurais subjacentes às emoções.

Sob esse olhar, poderiam ser retomados estudos como aqueles de Piaget e Kohlberg sobre o desenvolvimento moral. Sugiro que a idéia do *cérebro límbico/sentimental*, sede dos circuitos de *recompensa e punição* e *centro motivador* da conduta adaptativa, poderia dar um novo impulso aos estudos da evolução ontogenética do senso moral. Essa evolução, segundo aqueles autores, é representada em uma escala hierárquica, contendo seis níveis. Os três primeiros caracterizam aquele comportamento moral ou juízo ético mais primitivo, conforme a escala mostrada a seguir:

1. Submissão ao comportamento grupal para obtenção de recompensa e troca de favores;
2. Submissão da criança bem comportada que evita o desagrado e a rejeição;
3. Submissão ao cumprimento do dever para não ser censurado, não subverter a ordem e evitar a culpa.

São condutas compatíveis com o sentimentalismo no nível hierárquico do mamífero. Nesse estágio, o grau de autonomia e liberdade são incipientes, e a motivação que impulsiona o organismo a conduzir-se moralmente não é tão

louvável. É o que pensam muitos estudiosos da ética. Piaget dizia que “são raros os adultos verdadeiramente morais”. Queria se referir a um estágio primitivo de moralidade (heteronomia), em que o dever é entendido como coerção e obrigatório, de origem externa, mística e sobrenatural. Há etólogos de renome que satirizam esse patamar, considerando-o o “nível de moralidade atingido pelos bandos de babuínos e chimpanzés”.¹⁰ No entanto, esse é o máximo atingido por grande parte dos seres humanos, segundo as pesquisas realizadas na esteira de Kohlberg.

Pelo visto, o calor da emoção e o colorido apaixonado do mamífero já recobriram aquela frieza agressiva da instintividade que habita o cérebro reptiliano, à qual o homem associou denominações como *dissimulação*, *perfidia*, *traição* e *mentira*. Agora é o momento para uma incursão ao *neocórtex*, a mais recente emergência evolucionária. Enfim, o racional! O ser valorizante! Ele “mede valores” e, desesperadamente, anda à procura de um instrumento de medida.

O neocórtex: a razão a serviço das emoções. O neocórtex é a camada mais recente do cérebro, que instrumenta as análises crítico-hermenêuticas da justificação ética. Essa dimensão racional da moralidade também não foge da permanente influência instinto-emotiva. Os influxos nervosos subjacentes à *avaliação* transitam pelas diferentes camadas cerebrais, promovendo incríveis associações a partir dos modelos neurais já instalados.

O resultado da computação neurônica se reflete em todo o corpo. Os centros límbicos, por exemplo, disparam os eventos associados à emoção que alteram a fisionomia, o ritmo cardíaco, a secreção salivar, a sudorese e a vasoconstrição das glândulas lacrimais. Da atividade neural do córtex superior, por sua vez, resultará a *percepção subjetiva*, também chamada de *experiência emocional*, que recebe denominações como *remorso*, *dor na consciência*, *prazer pelo cumprimento do dever*, *medo da punição*, etc. Portanto, é um conjunto de eventos e modulações de todo o sistema nervoso que origina o comportamento final apropriado para cada estímulo. É o que procuro ilustrar com a figura que segue.

Esses impulsos reverberam. Significa que as respostas que eles provocaram nos diferentes órgãos são reenviadas ao cérebro e reinterpretadas, gerando novas mensagens. Elas podem desencadear novas manifestações psicofisiológicas, como o choro da

⁹ Ladrrière, Jean. Os desafios da racionalidade: o desafio da ciência e da tecnologia às culturas. Petrópolis: Vozes, 1979. p.137.

¹⁰ Wilson, E. Osborne. *Da natureza humana*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1981. p.166. Aqui também poderiam ser lembrados os estudos de Kohlberg e Habermas.

vergonha, a raiva do revide, a náusea da angústia e a ira do justo.

Substratos da vivência emocional

Figura 3. As conjecturas desse modelo muito simplificado mostram as conexões entre o límbico e o neocórtex na produção do fenômenos neurais, subjacentes à chamada vivência subjetiva do comportamento moral. Os significados de natureza ética emergem da atividade cerebral, quando impulsos bioelétricos, provocados pelas exigências do meio interno ou do meio externo (estímulos), transitam pelas referidas conexões. Os impulsos são inicialmente processados e interpretados com base nas memórias neuronais instaladas em circuitos hermenêuticos do córtex. O límbico toma conhecimento dessa identificação, enquanto as áreas corticais continuam processando. Quando a identificação é qualificada sob o aspecto do bem e do mal (conotação emotiva), o límbico dispara a *motivação*, um processo neural que, voltado para as áreas superiores, recruta os esforços corticais e, dirigindo-se para para baixo, desencadeia as respostas neurovegetativas, endócrinas e motoras necessárias à solução do problema. A conseqüência é a emoção e a ansiedade, enquanto o circuito não for desfeito. A percepção subjetiva dessa fenomenologia emerge do neocórtex. Também chamada de experiência emocional, ela é simbolizada de muitas maneiras e recebe denominações como: “remorso”, “culpa”, “temor”, “indignação”, “prazer”, “paz” ou “consciência tranqüila”

A reverberação

O *neocórtex*, último segmento do cérebro triúno e a mais recente estrutura cerebral que emergiu na história da vida, recebe os impulsos externos e internos e os difunde pelo organismo. Associa, portanto, as capacidades límbico-reptilianas a essa entidade mais nobre, a *cognição*, de onde surge o distintivo aristotélico do “animal racional”.

Figura 4. Exigências do meio externo levam o organismo a interpretações de ameaça. Surge a reação do medo. Ela é caracterizada por inúmeras respostas comportamentais, sensação de ansiedade e profundas alterações autonômicas. Essas alterações são percebidas pelo cérebro, constituindo-se em novos estímulos que acentuam a dolorosa sensação subjetiva da ansiedade. Novas descargas autonômicas agudizam esse círculo vicioso. Na falta de sublimação ou descarga comportamental, algumas doenças psicossomáticas podem surgir, como, por exemplo, a úlcera psicogênica

Para sobreviver em seu trajeto evolucionário o animal precisou espreitar a caça, simular e agredir. No cumprimento desse imperativo funcional, ele foi suprido por meios cada vez mais sofisticados. Aos mecanismos elementares de sobrevivência foram acrescentados o *medo*, diante dos perigos imediatos, e a *ansiedade*, um estado de apreensão a possíveis ameaças. Junto com o amor, a paixão e outros estados emocionais, ocorreu, assim, um grande avanço nas estratégias de sobrevivência.

Depois, entretanto, o equilíbrio no mundo da vida foi drasticamente quebrado com a emergência do intelecto superior. Armou-se o animal com a capacidade para planejar e calcular a agressão, transbordar no entretenimento e acumular bens numa escala ilimitada, muito além das necessidades. Agora, já é possível o cérebro reptílico partir para a guerra, enquanto o neocórtex e o límbico produzem os discursos da paz.¹¹

Com o neocórtex está armada a mais terrível criatura do reino animal, através da *agressão*, *emoção* e *intelecto*. Juntos, esses recursos introduzem no universo conhecido a possibilidade de uma espécie destruir o ambiente das demais e, dessa forma, promover a sua própria extinção.¹² Mas essa é uma hipótese que o *ser inteligente* nem quer admitir.

¹¹ Sobre o conflito entre os cérebros, ver Vincent, p. 139-40.

¹² Sobre a disposição emocional da pessoa que coloca a própria vida em risco por uma causa tida como moralmente justa, ver também Hölsle, Vittorio. *Philosophie de ökologischen Krise*: Moskauer Vorträge. München: Beck, 1991.

Ilusões caridosas o acalmam quando dúvidas desse teor lhe invadem o pensamento.

E, assim, com fúria desmedida, prossegue o timoneiro rumo à tragédia final. Tudo indica que o cérebro triúnico, no plano biológico, não tem compromissos com a sobrevivência planetária. Tem liberdade para definir o seu destino e padecer com a imprevisibilidade de suas escolhas. A crença de que, na hora certa, sempre haverá uma saída é apenas uma *crença*. Enraizada em tendências inatas, obscurecida e reforçada pela educação, ela se torna muito perigosa para um mundo complexo e em rápida deterioração. Não há qualquer indício de algum automatismo *teleológico-finalístico* que abra saídas mágicas para os problemas que o homem criou. Já estaria embutido, na gênese dessa nova capacidade neuronal (o intelecto), algum germe traiçoeiro da sua futura extinção? Se as lentes do *pensamento esclarecido*¹³ permitem visualizar as armadilhas do cérebro e a sedução enganosa da cultura auto-destrutiva, haverá algum instrumento que, em tempo, ainda possa impedir o trágico epílogo?

O *neocórtex* confere ao ser vivo o *status* de “ser valorizante”. Ele mede valores. Atribui valor às coisas, atos e juízos. É com o ser valorizante que:

- a) a capacidade animal para o reconhecimento da própria espécie pode ser elevada à histeria xenófoba das limpezas étnicas;
- b) a vitalidade do instinto sexual se transforma na violência aversiva do estupro;
- c) a camuflagem defensiva se converte em mentira traiçoeira;
- d) a agressividade limitada do mundo animal se perde na violência irrefreada da batalha genocida;
- e) a estratégia de sobrevivência é potencializada pelo prazer destrutivo e pela ânsia dominadora;
- f) o exibicionismo da espontaneidade animal é convertido na megalomania do conquistador nas batalhas do sexo e da competição na vida social;
- g) a propensão à rotina e ao ritualismo instintivo, como recurso de manutenção do ser vivo, é transmutada em consciência crítica que detém verdades absolutas e universais;
- h) a intuição valorativa, um imperativo natural e espontâneo, é falaciosamente transmutado em princípio axiológico, tanto para fundamentar as “éticas do amor” como para legitimar

“guerras santas” e lavagens cerebrais que destroem o corpo e a mente.

Há, porém, um aceno de eqüidade que surge de algo extraordinário e sem precedentes na história da vida. Ancorado na empatia e na capacidade de se preocupar com a sobrevivência, cresce um sentimento de preocupação e respeito para com os outros. Ele se estende à diversidade dos animais, às plantas e também aos seres inanimados. Com lampejos de racionalidade, esse sentimento também se preocupa com a história, com a estética e a futura qualidade do mundo. É um filete de esperança.

O “bem” associado ao prazer e a falácia naturalista

Conjecturamos que a fenomenologia do senso moral comporta uma dimensão emotiva que se assenta em uma base primária de comandos cerebrais. São em grande parte automáticos e inconscientes e se manifestam em capacidades como:

- a) a percepção de ameaça para o organismo;
- b) a obediência necessária à manutenção do gregarismo da espécie;
- c) a execução de rotinas garantidoras do cumprimento de normas;
- d) o ritualismo instintivo e apaziguador das ameaças externas criadas pela interioridade;
- e) a valoração espontânea, uma força intuitiva, que realiza a magia da transmutação axiológica a partir de representações da natureza circundante e imaginária.

Vimos que o homem, como ser vivo, tem uma história. Através da reprodução nos ligamos à origem unicelular. Gametas se uniram e formaram o ovo, a partir do qual nos transformamos em seres multicelulares. Também por reprodução, descendemos de ancestrais humanos e de outros antepassados, muito diferentes, que se perdem nos milhões de anos do tempo geológico. De uma perspectiva histórica, isso também é válido para todos os seres vivos do presente e do passado e para todas as células contemporâneas; todos compartilham de um mesmo parentesco e de uma mesma idade ancestral.¹⁴

Desse ponto de vista, visualizamos a gênese da capacidade axiológica como um produto evolucionário. Os dados e conjecturas neurobiológicas, a exemplo do cérebro triúno, apoiariam, por sua vez, a idéia de uma dimensão

¹³ Uma interpretação muito fértil sobre a civilização do *esclarecimento* encontra-se em Adorno, Theodor W. ; Horkheimer, Max. *Dialética do esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1985.

¹⁴ Maturana articula essa idéia de mecanismos que fazem do ser vivo um ser histórico. Cf. Maturana, R. Humberto; Varela G. Francisco. *El árbol del conocimiento*: las bases biológicas del entendimiento humano. Buenos Aires: Editorial Universitaria. p.37

instintiva e *mitopoiética*¹⁵ como *base biopsíquica* da conduta moral. Ela foi moldada em ambientes pré-históricos e continua inscrita no arsenal genético do homem contemporâneo. A partir do repertório inato, a gênese e o funcionamento dessa capacidade não desgrudam de sua dimensão corporal, quando ideologia, educação, ritos e convenções, cicatrizam o cérebro e modelam a personalidade.

A conduta moral do indivíduo e o exercício da sua liberdade, nos trâmites da negociação existencial, só podem acontecer porque existe um corpo que funciona sob a égide dos imperativos orgânicos. O pensamento, ou aquilo que chamamos de mente, não existe sem o cérebro. É o cérebro que produz os sentimentos básicos da aversão e do prazer, e todo o corpo participa deles e de seus desdobramentos emocionais, como a cólera e o medo, a alegria e a tristeza, o nojo e a indignação.

É assim que no plano corpóreo emerge “o bom”, associado ao sentimento que lhe dá origem: “o prazer”. O corpo sabe que *o bom* é prazeroso e desejável, e que *o mal* é doloroso e indesejável. Daí que fazer *o bem* dá prazer. É o âmago e o substrato orgânico do sentimento valorativo, base sensitiva para os recheios ideológicos que constituirão as intuições da moralidade espontânea.

Em que pese o avanço da racionalidade, o imperativo orgânico da emoção parece alimentar os deslizos lógicos na construção das teorias éticas de todos os tempos. Mas, depois da crítica de D. Hume, a engenhosidade dos hermeneutas da natureza produziu fantásticas obras, muitas delas empenhadas em desbordar do espectro da *falácia naturalista*. Parece-lhes impossível a ética sem o fundamento universal. Malabarismos lingüísticos, somados a um certo descaso da parte dos intelectuais, escamoteiam a problemática dos deslizos lógicos¹⁶ cometidos pelos mais renomados discursos éticos da atualidade. É o tema da *justificação ética*, assunto para uma outra reflexão.

Referências bibliográficas

- Adorno, T.W.; Horkheimer, M. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- Brandão, M.L. *As bases psicofisiológicas do comportamento*. São Paulo: EPU, 1991.
- Castoriadis, C. *As encruzilhadas do labirinto: os domínios do homem*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- Graef, F.G. Em busca da alma: causa e cura das doenças mentais. *Ciência Hoje*, 16(94):65, 1993.
- Heemann, A. *Natureza e ética: dilemas e perspectivas educacionais*. 2.ed. Curitiba: UFPR, 1998.
- Hoesle, V. *Philosophie der oekologischen Krise: moskauer vortraege*. Muenchen: Verlag C.H. Beck, 1991.
- Ladrière, J. *Os desafios da racionalidade: o desafio da ciência e da tecnologia às culturas*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- Ledoux, J.E. Emotion and the limbic system concept. *Concepts in Neuroscience*, 7(2);169-199, 1991.
- Long, M. Ritual e perfídia. *Ciência Ilustrada*, 95-100, set./out. 1982.
- Maturana, R. Humberto; Varela, G.F. *El árbol del conocimiento: las bases biológicas del entendimiento humano*. Buenos Aires: Editorial Universitária, [19--].
- Morin, E. *O enigma do homem*. São Paulo: Círculo do Livro, 1973.
- Ornstein, R. *A evolução da consciência*. São Paulo: Best Seller, 1991.
- Rodrigues, R. *Psicanálise e neurociências: um modelo neurobiológico da personalidade*. Porto Alegre: D.C. Luzzato E. 1985.
- Sanvito, W.L. *O cérebro e suas vertentes*. São Paulo: Roca, 1991.
- Wilson, E. Osborne. *Da natureza humana*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1981.
- Vincent, J.-D.. *Biologia das paixões*. Portugal: Publ. Europa-América, 1986.

Received on May 31, 1999.

Accepted on July 13, 1999.

¹⁵ Tomei emprestado de Wilson o termo mitopoiético (gr. *poiesis* = produção). Quer designar a capacidade instinto-emotiva de produção dos mecanismos norteadores do homem. Cf. Wilson, E. Osborne. *Da natureza humana*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1981, p.198.

¹⁶ Sobre os deslizos lógicos, cf. tb. Castoriadis, Cornelius. *As encruzilhadas do labirinto II: os domínios do homem*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p.314-31.